

CASSANDRA RIOS: ENTRE A VIDA QUE CONTINUA PULSANDO E A MORTE ANUNCIADA

Kyara Maria Almeida Vieira¹

Sei que impressão causa ser candidato a defunto! Não é nada agradável.

Cassandra Rios, 2000.

*O que é a vida, O que é a morte
Ninguém sabe ou saberá
Aqui onde a vida e a sorte
Movem as coisas que há...
Fernando Pessoa, 1934.*

A vida em sua fragilidade! A vida que passa a ser mediada por receitas, bulas, diagnósticos, exames, remédios, prazos, decisões a tomar, dúvidas! O corpo anunciando, vez ou outra, que está cansado da vida. Desejo de viver por mais tempo: “E parece que meu tempo está sob suspeita!”² E ela continuou a escrever, como anunciara, mesmo com a brevidade de sua vida.

As escritas aqui apresentadas são pequena parte de minha tese de doutorado³ quando pesquisei sobre Cassandra Rios e sua obra. Essa autora, filha de imigrantes espanhóis (D. Damiana e Seu Graciano), era a caçula das três filhas do casal. Nascida no bairro de Perdizes (São Paulo – SP) em 03 de outubro de 1932, Odete Rios Perez Gonzáles Hernández Arellano começou sua trajetória de publicações ainda aos treze anos, já assinando com o pseudônimo Cassandra Rios, vencendo concursos em jornais paulistanos.

Chegou a vender aproximadamente 300 mil livros na década de 1970, época em que se lia ainda menos no Brasil. Foi (e é) considerada por muitos a autora mais pornográfica e mais proibida do Brasil, tendo em vista que teve mais de 30 livros censurados dos mais 50 que publicou. Em sua vasta produção, a maioria dos romances narram amores lesbianos, mas também é possível encontrar romances de temática heterossexual, homossexual, transexual, poesias, contos e aforismos.

Tomei como aporte para o presente artigo, a segunda autobiografia publicada pela autora em 2000: *Mezzamaro, flores e cassis: o pecado de Cassandra*. Segundo ela, começou a escrever esse livro ainda na década de 1970. Composto por sete capítulos nomeados, a cada um deles a autora oferece rosas aos leitores (exemplo:

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Flor e Flor Estudos de Gênero” (CNPq). E-Mail: <kykalua@ig.com.br>.

² RIOS, Cassandra. *Mezzamaro, flores e cassis: o pecado de Cassandra*. São Paulo: Pétalas, 2000, p. 249.

³ VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. “*Onde estão as respostas para as minhas perguntas?*”: Cassandra Rios – a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955-2001). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

“Duas rosas para você...”; “Três rosas para você...”; etc.), e ao final de cada capítulo oferece uma bebida descrita por ela.

A capa é composta pela foto tirada em 1970 por Luigi Mamprin (Abril Imagens), em que Cassandra Rios está de cabelo ruivo e curto. A foto compreende seus ombros, cobertos por um casaco vermelho; e seu rosto, que está maquiado, dividindo-se em duas metades: a metade da face direita maquiada de branco e apoiada pela mão esquerda maquiada de preto, e a metade da face esquerda maquiada de preto apoiada pela mão direita maquiada de branco. O fundo da foto é azul, e no topo da capa está o nome Cassandra Rios em cor branca. Na base da capa está o título *MezzAmaro* (em branco), *Flores e Cassis* (em azul com contorno amarelo, numa base vermelha), a narrativa da autora muda: o tempo em suspeição começa a se delinear a partir do quinto capítulo (“Cinco rosas para você...”).

A narrativa de Cassandra Rios se revira, assim como parecia que se revirava seu corpo. Fins da década de 1990, dez anos após a “reabertura” política no Brasil, quase vinte anos após sua última publicação⁴, quando poderia voltar a publicar sem tantos medos ou perseguições, Cassandra Rios foi informada sobre seu estado de saúde, deveras delicado. Esse artigo se propõe a discutir as narrativas da autora e suas (re)significações sobre a experiência do adoecer e da proximidade da morte anunciada.

Essa informação que lhe foi dada, transformou seu destino desde então: “A ameaça ficou no diagnóstico de vida periclitante, por causa de um tumor no meu organismo e problemas que afetam o meu coração. [...] Essas passagens terríveis vinham acontecendo de outubro de noventa e oito à data [...]”⁵. Todavia, suas fragilidades físicas iam além do tumor e dos problemas cardíacos. Além de angina⁶ e insuficiência cardíaca, Cassandra Rios também tinha hipertensão e era alérgica a anestesia.

Já no início do capítulo cinco de *Mezzamaro, flores e cassis*, ela anuncia o que marcará sua narrativa até o final do livro – o que se tornou sua vida a partir dos diagnósticos e como se sentiu diante a possibilidade anunciada de sua morte:

*[...] pelo que tenho de informação sobre a minha pessoa, nem sei se estarei aqui para votar. Por isso esta sede de falar! De expor minhas verdades! Só quero tempo. Tempo para ver nas ruas meus últimos livros escritos e escrever o que não escrevi neste!*⁷

O tempo se esvai, escorre como água entre os dedos. Após elogios à atuação

⁴ Antes de *Mezzamaro, flores e cassis*, o último livro publicado em vida por Cassandra Rios foi *Eu sou uma lésbica*, em 1981. RIOS, Cassandra. *Eu sou uma lésbica*. 2. ed. São Paulo: Azougue Editorial, 2006 [1981].

⁵ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 339.

⁶ A angina tem como sintoma uma dor intermitente ou grande desconforto e pressão no peito, causada pelo estreitamento das artérias que conduzem sangue ao coração, provocando uma deficiência no suprimento de nutrientes e de oxigênio nesse órgão.

⁷ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 147.

política de Marta Suplicy⁸ e a sua trajetória pessoal, Cassandra Rios alega que não está fazendo propaganda, para, a partir daí fazer a conexão com o que, de fato, estava rondando seus pensamentos insistentemente; o tempo, não era mais o mesmo: “Nem sei se estarei por aqui para poder votar”⁹. Sua vida não era mais a mesma. Como se houvesse uma ampulheta a lhe seguir onde quer que fosse, ela diz que quer apenas voltar a publicar, outra vez exercer sua arte, ver seus livros nas ruas e escrever o que não tinha escrito até então. E não pode perder cada segundo de seu tempo, algo significativo estava à espreita: “Agora quem estava sendo leiloada no jogo de vida ou morte era eu!”¹⁰.

Reconhecer que sua vida estava periclitante, “Agora, a eminência do bilhete para minha viagem, numa receita, numa bula, num diagnóstico!”¹¹, a colocou diante de outra guerra travada entre a sua vida física e a luta consigo mesma para lidar com o que ouviu dos médicos: “Apenas fiquei admirada pela maneira franca, clara e objetiva com a qual me avisaram sobre ‘os meus dias’”¹². Como se houvesse “a melhor maneira” de dizer a um paciente que ele/a está com os dias contados, que a morte está atrás da porta, à espera de qualquer ‘deslize’ para se fazer presente e produzir a ausência física do ser.

A admiração de Cassandra Rios não se dá apenas porque é a sua vida que está sendo leiloada no jogo de vida e de morte, mas também porque, como nos alerta Philippe Ariès, em nossa época, com as transformações a partir das duas grandes guerras do século XX ocorridas no Ocidente, a morte se tornou inominável: “Tudo se passa como se nem eu nem os que me são caros não fôssemos mais mortais”¹³.

A partir do século XX, culturalmente a morte vai perdendo seu caráter público e social: vai sendo banida das vidas cotidianas, relegada ao silêncio e à individualidade, a sociedade já não faz mais pausa porque alguém morreu. A velocidade do tempo e da vida, a necessidade de aproveitar ao máximo o tempo para a produtividade do mercado, não deixa tempo para o morrer e a experiência da dor do morrer. A morte passou a ser indesejada, inconveniente, diante dos valores burgueses de limpeza, higiene, progresso, perfeição, evolução¹⁴.

Por isso, é possível pensar na recusa e resistência de Cassandra Rios em falar a palavra Tumor, em falar sobre seu estado de saúde. E mesmo admitindo escrever a palavra, o fez poucas vezes nas quase 260 páginas restantes do livro: “Tumor! Nome nojento mesmo! Isso sim é palavrão! Me dá até vergonha escrever essa

⁸ Como *Mezzamaro, flores e cassis* foi escrito durante vários anos, não é possível saber se Cassandra Rios se referia à candidatura de Marta Suplicy para deputada federal no Estado de São Paulo pelo PT em 1998 ou para prefeitura da capital paulistana, também pelo PT, em 2000.

⁹ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 147.

¹⁰ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 309.

¹¹ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 264.

¹² RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 298.

¹³ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 102.

¹⁴ Sobre a historicidade da relação cultural com a morte e o morrer, algumas contribuições possíveis são: ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. 2 vols. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981; ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é Morte*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

palavra! Risco cirúrgico! Problema cardiovascular! Hipertensa! Alergia a anestesia! O pior, o Tumor!”¹⁵.

E a notícia de que estava com um tumor causa repulsa, mas também “Medo! Muito medo!”¹⁶. É a fragilidade da vida sendo posta de maneira irremediável, a falibilidade e a mortalidade humana sendo exposta e sentida em sua forma mais cruel e impiedosa. Admitir e se dispor a escrever sobre uma experiência que a partir do século XX será cercada pelo “vazio da linguagem”, que não mais se ousará dizer o nome: morte! E mais ainda, lidar com uma doença que culturalmente não se permitirá também dizer seu nome, e será chamada de “aquela doença”.

Kübler-Ross¹⁷, a partir de sua prática clínica com pacientes terminais, identificou cinco estágios caracterizados por atitudes específicas do paciente diante da morte e do morrer: (1) *choque e negação*: ocorrem quando o paciente toma conhecimento de que está próximo da morte e se recusa a aceitar o diagnóstico; (2) *raiva*: ocorre quando os pacientes se sentem frustrados, irritados ou com raiva pelo fato de estarem doentes, passando a descarregar esses sentimentos na equipe médica; (3) *barganha*: ocorre quando o paciente tenta negociar sua cura com a equipe médica, com os amigos e até com forças divinas, em troca de promessas e sacrifícios; (4) *depressão*: o paciente apresenta sinais típicos da depressão, como desesperança, ideação suicida, retraimento, retardo psicomotor, enquanto reação aos efeitos que a doença opera sobre seu corpo ou como antecipação à possibilidade de perda real da própria vida; (5) *aceitação*: ocorre quando o paciente percebe que a morte é inevitável e aceita tal experiência como universal.

Seu efeito destruidor, e a inabilidade médica em encontrar cura para os vários tipos de câncer¹⁸, irão amedrontar as pessoas, porque uma vez diagnosticadas com tal mal, a certeza mais firme que se tinha era a da proximidade da morte. Todas as doenças que acometiam o corpo de Cassandra tinham direito ao nome, mas Tumor é palavrão. Portanto, a melhor maneira de lidar com esta é no isolamento, com silêncio e discrição. Segundo Maribel Pelaez Dóro, circula culturalmente algumas ideias marcantes sobre o câncer:

a) o câncer é sinônimo de morte; b) o câncer é algo que ataca do exterior e não há como controlá-lo; c) o tratamento – quer seja por radioterapia, quimioterapia ou cirurgia – é drástico e negativo e, quase sempre, tem efeitos colaterais

¹⁵ RIOS, Mezzamaro, *flores e cassis...*, p. 340.

¹⁶ RIOS, Mezzamaro, *flores e cassis...*, p. 336.

¹⁷ DORO, Maribel Pelaez *et al.* “O câncer e sua representação simbólica”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, vol. 24, n. 2, jun. 2004, p. 120-134.

¹⁸ No Brasil, o atendimento mais específico a pacientes cancerosos está atrelada à história do Instituto Nacional do Câncer, construído na década de 1930, como parte da reorientação da política nacional de saúde, devido ao aumento da mortalidade por doenças crônico-degenerativas, inclusive o câncer. Em 13 de janeiro de 1937, o Presidente Getúlio Vargas assinou o decreto de criação do Centro de Cancerologia no Serviço de Assistência Hospitalar do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. O Centro foi inaugurado em 14 de maio de 1938, com 40 leitos, um bloco cirúrgico, um aparelho de raios-X e outro de radioterapia. Ver: TEIXEIRA, Luiz Antonio (coord.) & FONSECA, Cristina M. *O. De doença desconhecida a problema de saúde pública: o INCA e o controle do câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2007.

*desagradáveis.*¹⁹

Cassandra Rios foi informada que em seu corpo estava alojado o anúncio inevitável de que a morte poderia chegar a qualquer momento, de forma inesperada, fria e objetiva. E os tratamentos disponíveis para evitá-la, culturalmente estão associados a uma visão negativa da ação da medicina e colocam também em evidência os limites desta. Como nos alerta Norbert Elias, a consciência da finitude humana é muito antiga, mas a forma de encobri-la mudou com o passar do tempo.

Assim, além de um acontecimento biológico, a morte e o morrer tem tido historicamente significados diversos, nos tempos e nos espaços. E o que se sobressai nas sociedades ocidentais a partir do século XX é a ocultação da morte e o seu banimento da sociedade; a transferência da morte para o hospital, onde a morte é escondida, e há horários específicos para que os moribundos e sua finitude sejam expostos aos olhares e contato com as pessoas sadias (parentes e amigos); a extinção do luto, com o apelo ao silêncio, à dor da ausência e da saudade tendo que ficar confinada na privacidade das casas, e empresas cada vez mais avançadas tecnologicamente, sendo as responsáveis por todos os cuidados com o corpo morto, a fim de obter uma eficiência tal que faça com que a morte seja enfeitada, maquiada, calma, passiva e envolvida no manto da beleza²⁰.

Essas características que vêm sendo compartilhadas entre os sujeitos (e divulgadas pela mídia), Cassandra Rios a elas teve acesso. Mesmo, que não estivesse ainda em estágio terminal, ao saber do diagnóstico, fez a opção pela discrição e pelo isolamento, afinal “Hoje, é vergonhoso falar da morte e do dilaceramento que provoca [...]”²¹, porque falar da morte diante das outras pessoas, ou expor o corpo em falência, é obrigar as outras pessoas a encarar também a falibilidade de suas próprias vidas. Daí, Cassandra Rios fez a escolha:

*Isolada por determinação pessoal. [...] Encontrava-me muito confusa com tantos inesperados acontecimentos. Não me sentia disposta para ir a lugar nenhum. [...] Trabalhando muito e tentando posicionar-me na minha inesperada situação tornara-se difícil sair.*²²

Cassandra Rios estava sendo obrigada a lidar com o (im)permanente (des) encontro entre a vida e a morte. Confusa, vivendo uma difícil situação financeira, estava diante da fugacidade da vida e a presença física da morte que se materializava no “mal num lugar muito delicado e profundo próximo a coluna vertebral”, nomeado pela medicina com o “palavrão” Tumor. Apenas aos mais próximos, segundo ela, mostrou os papéis com seu diagnóstico. Decidiu fechar-se em si, dizendo-se que não tinha a quem recorrer, e reconhece a sua própria

¹⁹ DORO *et al.*, “O câncer e sua representação...”, p. 121.

²⁰ ELIAS, *A solidão dos moribundos*, p. 18.

²¹ ARIÈS, *História da morte no Ocidente*, p. 224.

²² RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 247; p. 249.

tragédia: “Ninguém poderia fazer nada por mim”²³.

A confusão instalada, a necessidade de posicionar-se em sua inesperada situação, traz a angústia de muitas dúvidas e outra vez, inúmeras perguntas sem respostas: opera ou não opera o tumor? Acredita no diagnóstico da medicina convencional ou continua acreditando na eficácia do Johrei. No final da vida Cassandra Rios voltou a frequentar a Igreja Messiânica, que acredita na força do Johrei: “método que pode canalizar a luz divina no corpo de outra pessoa, com intuito de curá-la de seus males físicos e espirituais”²⁴.

De acordo com sua segunda autobiografia, Cassandra ministrou-se o Johrei durante grande parte de sua doença²⁵. Deveria seguir “arriscando-se em pela fé, adiando minha internação no hospital”²⁶, como a heroína que se vê diante da inevitabilidade da morte e se lança em apressá-la. Quais as reações de sua mãe perante o diagnóstico e a proximidade de sua morte: “Parece que vejo as lágrimas dos seus olhos verdes! De alegria ou de dor pela minha viagem?! Estará me aguardando? Quem sabe?”²⁷. E ela? Quanto tempo conseguiria aguentar? “Superaria? Eu e eu! Escritora e mulher! Sadia e doente! Dividida em idéias! Múltipla! O espírito e a matéria! O poder da alma sublevando o corpo! Indômita! Pensamento e sentimento!”²⁸.

Tantas decisões a serem tomadas, na solidão que escolhera para vivenciar suas doenças, já que “Não queria aborrecer ninguém”²⁹, Cassandra Rios coloca-se na dúvida mais incisiva e talvez mais insana: continuava viva, mas com a morte latejando no mesmo pulsar de sua pressão arterial, que chegava a 20 por 10. O corpo ameaçado pelo não ser em sua (im)possibilidade (in)finda! Mas, as opções que deveria fazer eram urgentes, quaisquer que fossem suas escolhas conscientes ou inconscientes, com ou sem aprovação das pessoas que ainda mantinham contato com ela.

E optou: escolheu acreditar no poder de cura do *Johrei*; entre 1998 até 1999, negligenciou o tratamento com remédios alopáticos, nem olhava para as receitas médicas chegando a perder as mais antigas; não voltava para fazer os exames necessários para a realização da cirurgia, adiada desde 1998³⁰. Como alerta Ariès ao falar sobre a morte a partir do século XX: “[...] ela se tornou selvagem e, apesar do aparato científico que a reveste, perturba mais o hospital, lugar de razão e técnica, que o quarto da casa, lugar dos hábitos da vida quotidiana”³¹.

Mas, o seu corpo não dava trégua. Os sintomas não cessaram de piorar nem de aparecer, fazendo-a retornar à medicina convencional. A partir desse (des)

²³ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 149.

²⁴ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 207; p. 208; p. 312; p. 337.

²⁵ Cassandra Rios voltou a frequentar a Igreja Messiânica Mundial de fins da década de 1990 até perto de morrer. A Igreja Messiânica, que acredita na força do *Johrei*: *Joh* (purificar) *Rei* (espírito), que é “um método que pode canalizar a luz divina no corpo de outra pessoa, com intuito de curá-la de seus males físicos e espirituais”. Para mais informações sobre a Igreja Messiânica, ver o site oficial, disponível em: <<http://www.messianica.org.br/>>.

²⁶ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 337.

²⁷ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 264.

²⁸ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 300.

²⁹ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 247.

³⁰ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 286-364.

³¹ ARIÈS, *História da morte no Ocidente*, p. 293.

encontro, um momento decisivo de sua narrativa autobiográfica explode, quando ao voltar ao hospital em 28 de junho de 1999, o médico a avisa que sua saúde estava pior do que no ano anterior. Após algumas observações médicas sobre a falta de cuidado consigo mesma, a reclamar que nada justificava que Cassandra Rios tivesse tido tanto descaso com sua saúde, agora é o médico quem lhe dá outro golpe inesperado, ao informá-la da situação “gravíssima” de sua saúde, podendo ter infarto ou derrame a qualquer momento, alertando sobre os riscos de vida e cirúrgico, além de sua alergia a anestesia.

A partir do novo diagnóstico, sua narrativa toma outros rumos, porque se até então, vivendo a fase que Kübler-Ross nomeia de choque ou negação, Cassandra Rios afirmava: “Nem estava ligando, apenas tratava-me para não ter mais tonturas, para não ver mais tudo dobrado, estrelinhas esquisitas ofuscando minhas vistas, uma fadiga perniciososa que me fazia quase dormir diante o computador [...]”³². Mas, agora, as afirmativas médicas não a deixavam mais com muitas saídas ou tantas possibilidades de escolha.

O que a mobiliza não mais será a palavra maldita Tumor, porque há algo pior que todos os sintomas que já estava sentindo desde 1998, e que acreditava amenizar com “remedinhos para dor nas costas terminantemente proibidos pelos médicos” e com o *Johrei*:

*Morrer tudo bem! Não me apavora tal ideia, mas ficar inválida, ter um derrame ou um enfarto?! Transtornei-me! Eu jamais admitiria ficar aborrecendo pessoas para cuidarem de mim. [...] O que ouvira então, tinha um sentido mais grave do que morrer! Morrer para mim, uma realidade que nunca temi [...] melhor saber quando para poder preparar-me, mas agora, pensar que a qualquer instante poderia cair vítima de um derrame e ter sequelas, ter um enfarto e ficar inválida, apavorou-me!*³³

A possibilidade do inesperado derrame ou enfarto trazia de volta para Cassandra Rios, diante de toda sua debilidade física, a ameaça da invalidez e, mais ainda, a presença inesperada da morte num tempo cada vez mais recuado. O problema e grande questão da vida é vivê-la o mais agradavelmente possível, visto que a morte não é nada para o sujeito, os torna um nada, e por isso o pensamento da morte não corresponde à imagem da própria morte, mas a maneira como a vida foi experimentada, a maneira como a trajetória foi construída e como se chegou até a morte.

Então, ao afirmar que morrer tudo bem!, Cassandra Rios parecia ter chegado ao estágio que Kübler-Ross irá chamar de *aceitação*, admitindo que a morte é um fenômeno natural, biológico e universal. Entretanto, a morte é outra vez negada e colocada no lugar do silenciamento, para vir ao centro da cena um temor maior: a *invalidez*, que vem acompanhada da dependência de alguém, o que a leva a sair

³² RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 309.

³³ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 309.

do hospital com “Lábios gelados, entontecida [...] aérea, com medo.” O médico a assustara muito, tanto que ela afirma: “Dessa vez eu não poderia negligenciar”³⁴.

Cassandra Rios pareceu estar mais confortável com o diagnóstico que previu “seus dias”, estabeleceu data para sua morte, numa contagem regressiva, porque essa previsão deixa a sensação de que, de alguma maneira, ela ainda poderia controlar seu tempo, porque era “melhor saber quando para poder preparar-se”.

Ainda que o anúncio da morte tenha lhe causado espanto, medo, tristeza, a levado a escolher o isolamento, para conviver com as dores e cansaço explodindo no corpo, esse anúncio tornara-se de menor importância porque o novo aviso médico tirava-lhe qualquer possibilidade ou ilusão de controle sobre seu corpo, sua vida, seu tempo restante. Outra face da morte se apresentava para Cassandra Rios, agora pela possibilidade da morte em vida, advinda com a invalidez e a dependência das outras pessoas; de um corpo que poderia vir a ser um moribundo a incomodar as outras pessoas, tirar-lhes de suas vidas cotidianas para dele cuidar.

Desta forma, a morte não se insinua apenas sob a forma do acidente possível, ou transcurso natural; ela forma, com a vida, com os seus movimentos e o seu tempo, a trama única que a um só tempo a constitui e a destrói. Cassandra Rios, que tanto resistiu à cirurgia, adiando sua internação, abrindo espaços em vida para que a morte pudesse tomar seu corpo de vez, coloca-se diante de outros desafios, passou dias pensando na escrita de *Mezzamaro, flores e cassis* porque “Não queria que fosse póstumo, mas que por essa temeridade, não podia perder tempo”, e diz que não podia ir embora assim: “Como se não me importasse o que falaram do meu trabalho, não posso deixar calúnias a meu respeito, nem que me enterrem com suas mentiras e teçam a meu respeito uma falsa personalidade como escritora e como mulher”³⁵.

Ao contrário do que havia afirmado em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* em 1982, “Eu não ligo para o que escrevem de mim”, a aproximação da morte fez Cassandra Rios repensar o quanto se negou e se recusou a falar sobre sua vida amorosa, inclusive em sua primeira autobiografia, deixando um vazio de narrativas que possibilitava outras narrativas exteriores a ela própria, e que independente de sua vontade, iam dando significados à sua existência.

Como as calúnias as quais se refere e a falsa personalidade que disse que teceram a seu respeito, ambas vinculadas a classificação de sua obra como imoral, e pornográfica, e a sua vida pessoal, misturada que fora aos seus personagens³⁶, também considerados pornográficos e imorais, sem merecer muitas explicações nas várias entrevistas concedidas por Cassandra Rios, quando repetidamente afirmava: “[...] eu fujo pela tangente quando querem penetrar na minha vida particular [...]”³⁷.

Então era preciso escrever para não ver morrer, além de seu corpo, também

³⁴ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 309; p. 315.

³⁵ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 249; p. 152.

³⁶ Também reitera essa negação de falar sobre sua vida pessoal nas revistas: *Manchete* (1974), *Isto É* (1979), *TPM* (2001). Também na sua primeira autobiografia: RIOS, Cassandra. *Censura: minha luta, meu amor*. São Paulo: Global Editora, 1977.

³⁷ LOUZEIRO, Luciane *et al.* “Cassandra Rios: ‘Assim, até a Bíblia é pornográfica’”. *Jornal Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 29, out. 1980, p. 16.

evitar a morte da imagem que queria deixar de si mesma. Escrever tendo presas nas suas costelas as garras do não-eu da natureza (a morte), numa procura por si, numa espécie de reverso das linguagens de identidade. A ameaça constante da morte inesperada, a provoca, a leva aos extremos da inquietação, na sua solidão dilacerante, já que na sociedade contemporânea, a interdição da morte no contexto social afasta os moribundos do convívio comunitário e familiar.

A pulsão de vida tentando retornar à ordem das coisas, a faz admitir a possibilidade de se submeter à cirurgia que ela tanto temia e rejeitava: “Não queria submeter-me a nenhuma cirurgia, mas se não houvesse saída, [...] eu arriscaria, pois o que mais queria era saber que ia viver, pelo menos dormir tranquila sem dúvidas, de quando?!”³⁸. A incógnita de não saber mais nada que dê a sensação de controle de seu corpo, de seu tempo, de sua vida, conviver com a dúvida “De quando?!” é reconhecer que seu destino e seu devir não mais lhe pertenciam, numa impossibilidade selvagem, sem poder evitar seus limites, mas também sem poder evitar de a eles se ater.

Ora dominada pelas dúvidas, ora pelas lágrimas, ora pela morte, Cassandra Rios escreve. E escrever não é só narrar sua agonia, mas sua escrita é também ela agônica, podendo a qualquer momento ser arrebatada pelo inexorável destino humano: deixar de ser viva, deixar de ser sopro e sonhos. E se a escrita foi a paixão que a mobilizou a enfrentar os preconceitos dentro e fora da família, a lutar contra a Censura ditatorial, a escrita foi também sua arma contra o medo de morrer, contra a morte³⁹.

Assim, na bifurcação entre morte e vida, Cassandra Rios também escreve para a vida e para viver, para evitar que a destruam, para retornar às livrarias e às mãos dos leitores. Escreve para poder voar, “Seja no poder das palavras a sentença final, de morrer desfeita em palavras”⁴⁰, seja porque no jogo da vida, que também é jogo de morte, ela se constrói como “a bola que está preste a marcar o último gol! E que esse dia seja maravilhoso! De aplausos e não de lágrimas, porque o centro da goleada é o grito da Vitória!”⁴¹.

Mesmo que *Mezzamaro, flores e cassis* seja uma escrita com dimensão trágica em seu aspecto negativo, triste, rancoroso, de mágoas e sofrimentos de um passado distante ou próximo, é também uma escrita trágica em sua dimensão de êxtase, de cântico para a alegria, uma pulsão de vida. Durante muitas páginas Cassandra Rios constrói imagens e cenas que seria da felicidade postulada pelas surpresas da memória, memórias de si que se desenrolam como tentativas de encontrar, em sua escrita labiríntica, brechas para não se entregar de vez a todas as angústias e

³⁸ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 312.

³⁹ Maria Isabel de Castro Lima, em sua dissertação de mestrado, traz importantes contribuições sobre a discussão acerca de *Mezzamaro, flores e cassis* e também analisa essa escrita como sendo mobilizada pela morte. Todavia, na análise da autora, a ideia que se sobressai é a amargura de Cassandra Rios ao escrever sua última autobiografia. Não discordo de Castro, mas, à sua tese, acrescento a possibilidade de pensar também nas alegrias. Ver: LIMA, Maria Isabel Castro. *Cassandra, rios de lágrimas: uma leitura dos inter(ditos)*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

⁴⁰ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 292.

⁴¹ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 222.

dificuldades que a rodeavam. Cria grandes espetáculos em sua mente:

Dentro de mim tudo revoluciona-se, expande-se, liberta-se e não dou mais asas aos sonhos, eu me transformo num sonho. Eu sou o sonho! Meu próprio sonho! Eu tenho poderes para criar! [...] Minha cabeça é um território sem limites de horizontes. Por isso antes que a vida acabe vou levar em cena no palco do mundo, “Esta minha Vida Feliz” [...].⁴²

Como a realidade da vida tinha lhe reservado a crueza da falibilidade humana, olhando nos seus olhos a cada vez que se olhava no espelho ou que os sintomas a tomavam sem aviso nem piedade, seus pensamentos em ruína são convocados, também num grande golpe, para levá-la ao mundo dos sonhos, e através da escrita do desaparecimento de si, criar uma narrativa da realização de sua vida, uma narrativa sobre sua vida, e mais além, uma narrativa que é sua própria vida.

Estava esgotada e asfíxiada, pelas doenças e pela morte, que deveria ser o vazio, mas que se constituiu numa ausência do vazio, a deixando tensa, com medo, preocupada “ao sentir uma tontura, pontada no peito, zonzeira na cabeça, veias latejando nas têmporas, taquicardia, formigamento! Aviso de enfarte?! Dor na nuca! Isso é o pior. Dor na nuca! E se for aviso de um derrame?!”⁴³. Todavia, fazendo de si e consigo o próprio combate, ela não desiste, não permite que os diagnósticos, as previsões e as dores físicas estanquem aquilo que a manteve vida até então: sua vontade e capacidade de criar.

E ela descreve sua imaginária festa de despedida, abençoada, fantástica e particular, alegórica e onírica, a ser realizada no restaurante por ela muitas vezes frequentado, “O Profeta”. Por várias páginas ela menciona aqueles/as que deslumbrariam no salão festivo de sua mente: artistas famosos do cenário nacional e internacional, os quais ela vai nomeando e caracterizando para desfrutar um cardápio variado de comidas e bebidas. E, assim, ela define a sua festa: “O salão fervilha e músicas doces, em sons suaves, risos cristalinos tornam a minha festa um acontecimento inesquecível”⁴⁴.

E de fato, Cassandra Rios não deixa que a sua festa caia no esquecimento antes que seu livro se encerre. Numa das últimas páginas de *Mezzamaro, flores e cassis*, ela coloca em cena outra vez seu desejo de vida, sua coragem de não deixar que as feridas não fechadas se sobreponham aos seus sonhos de continuar viva. Ela diz sua poética de viver:

Minha festa apoteótica! Meu delírio mental! Meu atrevimento emocional! [...] É a minha festa de conagração, de despedida, de gratidão, não sei, só sei que comemoro tudo que vivi, e agradeço a todas as pessoas que conheci, sem distinção, porque de cada uma delas eu aprendi algo, o

⁴² RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 213.

⁴³ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 310.

⁴⁴ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 215-227.

*que me aborreceu, fortaleceu-me, o que me alegrou, me fez brilhar e crer que a vida é sal e açúcar, e ambos são necessários.*⁴⁵

Agridoce, assim foi como Cassandra Rios se referiu várias vezes à vida, num reconhecimento de que, bem e mal, bom e ruim, vida e morte não são esfera estanques e separadas, excludentes em si mesmas. Em sua festa delirante e apoteótica, ela encontra a chance de deixar a música continuar tocando, deixar que o delírio da embriaguez, em seu encontro com o dionisíaco da vida, a permitisse suportar as cruzezas e a dureza da “realidade” em que estava submersa, que seu corpo físico fazia questão de gritar estar ali. Mas, em sua guerra particular, usa as palavras e as erguem como suas armas: “Quantas gratas lembranças! Que maravilhosos momentos! Como afligir-me com a hipótese do meu fim se tive tantas maravilhas para desfrutar?”⁴⁶. E assumindo o papel principal de sua trágica vida, ela ri de sua própria fragilidade e mortalidade, escancarada a cada respiração pela dor que assola seu cansado e doente coração: “Tenho que festejar, sim, vai que de repente os diagnósticos médicos se concretizem!”⁴⁷.

Em seus choques com e pela vida, em seus sonhos com e pela morte, Cassandra Rios continua gritando pelo seu direito de ser escritora, de não ter sua vida atrelada ao que escreveu, de ser múltipla e fronteira, assim com a relação tênue e tensa entre a vida e morte. Em sua última autobiografia, não se furta em vomitar suas angústias, suas dores, seus dissabores, seus sofrimentos e mágoas. Com a agressividade de quem se sentava à mesa com a morte todos os dias, ela assevera e luta pelo direito de escrever, de se inscrever: “Somos todos sacos de lixo. Temos que colocar para fora o que nos perturba (escrevendo), senão explodimos”⁴⁸.

Escrever, portanto, para não explodir, para dar-se o direito de experimentar o “desejo não-pacificável” de vida e de morte em toda sua intensidade, porque se para escrever, ela revivia certos fatos que lhes dava repulsa, náusea, nervoso, angústia, era para encontrar “motivos que tornem essa verdade uma verdade feliz!”⁴⁹, já que mesmo diante de toda tragicidade de sua trajetória, ainda é possível afirmar-se como a heroína que diz ser: “É que apesar do resultado, não me arrependo”⁵⁰.

O não arrependimento de Cassandra Rios não impede que ela viva às voltas com dúvidas e sentimentos contraditórios. Afinal, o desenrolar de sua vida como uma composição de dúvidas, de multiplicidades não se resumiu ou se encerrou em seus próprios nomes: Odete Rios, Dete (como se nomeia para seus familiares), Cassandra Rios. Em seus quase setenta anos, depois de tanta reviravolta em sua fé, sua saúde, seus bens, sua situação, seus sentimentos, tantas mudanças, ela ainda tenta encontrar forças, numa busca por se reconciliar consigo mesma, de dar sentido aos fragmentos de sua vida, admitindo para si ao mesmo tempo em que

⁴⁵ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 400.

⁴⁶ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 215.

⁴⁷ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 237.

⁴⁸ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 289.

⁴⁹ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 237.

⁵⁰ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 190.

justifica para si tudo que viveu, quando definiu sua última autobiografia: “É um balancete de tudo que vivi, de tudo que vi, de tudo que senti, de tudo que gosto, de tudo pelo que valeu a pena viver!”⁵¹.

É preciso considerar que Cassandra Rios tomava conhecimento das conquistas do movimento pelos direitos civis de lésbicas, gays, travestis e transexuais. Na década de 1990, ressurgira o ativismo pelos direitos LGBT, aplainado que fora durante a década de 1980, pelas expectativas de que as reformas em prol da redemocratização iriam atender também as reivindicações desses grupos⁵². Na década de 1990, também se ampliaram as publicações que buscavam produzir uma imagem positiva dos homossexuais e lésbicas, a exemplo dos selos GLS (do Grupo editorial Summus) e o selo Aletheia (da Editora Brasiliense).

Na televisão, personagens homossexuais e lésbicas passaram a aparecer cada vez mais, a exemplo da minissérie *Mãe de Santo* (1990), da extinta TV Manchete, que exibiu o beijo entre os atores Raí Bastos e Daniel Barcelos; das novelas da TV Globo: *Vale Tudo* (1988), na qual Cecília (Lala Dehnelzelin) e Laís (Cristina Prochaska) trocavam carícias e andavam de mãos dadas; *A Próxima Vítima* (1995) com o par formado por Jefferson (Lui Mendes) Sandrinho (André Gonçalves); *Torre de Babel* (1998/1988), com o par formado por Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Sylvia Pfeifer).⁵³

Além disso, Cassandra Rios também pôde assistir à Parada Gay⁵⁴ de São Paulo, com 200 mil pessoas (em sua maioria LGBT's)⁵⁵ nas ruas declarando e exigindo seus direitos de amar e desejar para além do modelo heterossexual, e diz que se emocionou: “Vi a liberdade, assumida, passando diante dos meus olhos e chorei de emoção”⁵⁶. Era a consagração da luta da heroína, que via nas transformações o prêmio para o desenlace de sua trágica vida.

Mesmo sabendo que uma vida inteira não cabe em um livro, em sua totalidade

⁵¹ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 223-224.

⁵² GREEN, James. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis”. *Cadernos Pagu – Revista do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU*, Campinas, UNICAMP, 2000.

⁵³ Antes da década de 1980, alguns personagens também apareceram: Em *Assim na Terra como no Céu* (1970/1971), Rodolfo Augusto (Ary Fontoura) era um carnavalesco gay; na novela *O Rebu* (1974/1975), Conrad (Ziembinsky), era apaixonado por seu protegido, o jovem Cauê (Buza Ferraz).

⁵⁴ A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, antes chamada de Parada do Orgulho Gay, acontece desde 1997, inspirando-se nas notícias de Paradas Gays que aconteciam nos EUA e em alguns países da Europa. Hoje a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é o evento que mais atrai turistas à cidade, vindos de várias partes do Brasil e do exterior. O que demonstra um maior poder aquisitivo de pessoas do segmento LGBT, como também um maior investimento em eventos para o público LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).

⁵⁵ Na historicidade do movimento homossexual do Brasil, à medida que o movimento foi se fortalecendo e se diversificando, usou muitas siglas (GLS-Gays, Lésbicas e Simpatizantes; GLBS-Gays, Lésbicas, Bissexuais e Simpatizantes; GLBT-Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), chegando à sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), que foi criada durante a 1ª Conferência Nacional GLBT, realizada em 2008 pela Subsecretaria de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, e da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) da Presidência da República. Essas secretarias foram criadas durante o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como parte de seu projeto inclusão social das minorias.

⁵⁶ LUNA, Fernando. “A perseguida”. *Revista Tpm*. São Paulo, Trip Propaganda e Editora, n. 3, jul. 2001, p. 02-11.

e singularidade, Cassandra Rios experimenta o gozo provocado pela escrita, a liberdade e os voos para alhures, mesmo sem retirar seu corpo do lugar. Também sabe ela que, na escrita, as pulsões de vida e morte se imbricam, porque uma vez criado e escrito, o texto torna-se palavra morta. Mas, uma vez lido o texto, outros ventos sopram e as palavras voltam a ter vida a partir de outros olhos. Como sugere Certeau, “Prática da perda da palavra, a escritura só tem sentido fora de si mesma, num lugar outro, o do leitor [...]”⁵⁷ que não poderá ressuscitar a palavra que lhes foi dada.

Dando-se o direito de ser ela também agridoce, Cassandra Rios mergulha nas suas divagações, constrói seu caleidoscópio, luta desesperadamente na esperança de não sucumbir. Interroga, em meio a sua angústia, as últimas possibilidades que lhes são possíveis: o acaso, o êxtase, o riso, e afirma em sua apoteótica declaração de amor a vida: “Tudo o que sofri não foi em vão!”⁵⁸. A heroína trágica de *Perdizes* anunciava que cumprira o enredo de sua vida, que sua catástrofe, tantas vezes anunciada, estava cada vez mais próxima.

E ela anuncia toda repulsa que um moribundo pode causar devido ao banimento, no século XX, da morte para longe dos espaços públicos, para longe da convivência das outras pessoas: “Sei que impressão causa ser candidato a defunto! Não é nada agradável. Parece até coisa repulsiva!”⁵⁹, ela mesma recusando-se a prosseguir na narrativa de tal cena. Entre a morte anunciada e as angústias que compõem também sua trajetória até ali, Cassandra Rios escolhe entregar-se à vida sabendo que ela não existe sem a morte, e como personagem principal de sua peça, puniu-se pelos desvios da ordem, abrindo mão do tratamento alopático que poderia ter freado por mais tempo a chegada da morte.

Sua morte anunciada é descrita como a realização de sua tragédia, a heroína que não conseguiu sobreviver ao reconhecimento de que sua obra a levou aos céus e ao inferno; que seus desejos lesbianos lhes permitiram muitos prazeres, muitas conquistas, muitas tristezas e muita culpa. Conviveu, durante a maior parte de sua trajetória, com o lugar de sujeito abjeto, refugio social, mulher que borrou as fronteiras culturalmente traçadas para o feminino. Morreu muitas vezes mesmo continuando viva, precisando continuar viva. O tumor lido enquanto uma punição maior para as transgressões que produziu durante a vida, lugar derradeiro daquela que se via igual o moribundo, sem forças para continuar a luta em busca do corpo saudável, da saúde perfeita, do sopro da vida.

Experimentando a tensão entre a força apolínea e dionisíaca, que a fez vida, ela lançou-se outra vez ao abismo, desta vez, seu corpo vai e não volta mais, mas seu nome e suas produções vez ou outra voltam a causar sustos. “[...] entre a cruz e a espada, ou a cruz e o bisturi. [...]”, como ela cantou na primeira estrofe de sua música *Autobiografia*: “[...] A vida é luta sem trégua,/ é uma guerra sem fim,/ quem é que vai entender/ por que sou assim? [...]”⁶⁰. Cassandra Rios: entre a vida que

⁵⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano* – Vol. 1: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 299.

⁵⁸ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 149.

⁵⁹ RIOS, *Mezzamaro, flores e cassis...*, p. 338.

⁶⁰ ALCURE, Lenira. Cassandra Rios: “O homossexualismo virou profissão”. In. *Revista Fatos e Fotos*. Ano XX, nº 1. 115, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1983, pp. 60-62.

continua pulsando e a morte anunciada. Pulsão de vida e de morte: Cassandra Rios, a tragédia desejante.



RESUMO

As escritas aqui apresentadas são pequena parte de minha tese de doutorado quando pesquisei sobre Cassandra Rios e sua obra. Considerada por muitos a autora mais pornográfica e mais proibida do Brasil, teve mais de 30 livros censurados dos mais 50 que publicou. Tomei como aporte para o presente artigo a sua segunda autobiografia, publicada pela autora em 2000, *Mezzamaro, flores e cassis: o pecado de Cassandra*. Composto por sete capítulos nomeados, o tempo em suspeição começa a se delinear a partir do quinto capítulo, intitulado “Cinco rosas para você...”. A narrativa de Cassandra Rios se revira, assim como parecia que se revirava seu corpo. Em 1998, dez anos após a “reabertura” política no Brasil, quando poderia voltar a publicar sem tantos medos ou perseguições, Cassandra Rios foi informada sobre seu estado de saúde, deveras delicado em decorrência do câncer que a atingira. Esse artigo se propõe a discutir as narrativas da autora sobre a experiência do adoecer, da proximidade da morte anunciada e a vida que continuava pulsando.

Palavras Chave: Cassandra Rios; Literatura; Escrita de Si; Câncer; Vida.

ABSTRACT

This paper brings a small part of my PhD Dissertation, where Cassandra Rios and her work are discussed. Considered by many the most pornographic and banned author of Brazil, she had more than 30 books censored in a universe that exceeds 50 ones published. The analysis presented here is based on her second autobiography, published in 2000, *Mezzamaro, flowers and cassis: the sin of Cassandra*. Composed of seven chapters, the time as suspicion begins to emerge from the fifth chapter, entitled “Five Roses for you ...”. The Cassandra Rios narrative revolves her soul, as it's seemed revolves her own body. In 1998, ten years after the “reopening” policy in Brazil, when she could return to publish without many fears or persecution, Cassandra Rios was informed about her health, indeed delicate because a aggressive cancer. This paper aims to discuss the author's narrative about the experience of illness, the announced death approaching and life that was still throbbing.

Keywords: Cassandra Rios; Literature; Self Writing; Cancer; Life.

Artigo recebido em 14 set.. 2014.

Aprovado em 16 dez. 2014.